

**CONFERÊNCIA INTERNACIONAL  
INVESTIGAÇÃO, PRÁTICAS E CONTEXTOS EM EDUCAÇÃO  
(IPCE, 9 e 10 de maio de 2014)**

**Educação Literária? Uma estética das emoções?**

Cristina Nobre – ESECS | CIID | IPLeiria  
cnobre@ipleiria.pt

*RESUMO (1488 caracteres com espaços):*

*Quais os instrumentos pedagógicos e didáticos da Educação Literária a ensaiar / utilizar na Educação Básica?*

*Pretende-se dar os resultados das aplicações pedagógico-didáticas de textos literários pelos estudantes do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º ciclo do ensino Básico, (ESECS), em 2012-13, na UC Teoria da Literatura, refletindo sobre as seleções de textos e relação com os programas de Português e as recomendações do Plano Nacional de Leitura. Reflete-se sobre as preferências da escolha de narrativas breves (Miguel Sousa Tavares: O segredo do rio; José Saramago: A maior flor do mundo; Rómulo de Carvalho: As Origens de Portugal. História contada a uma criança; José Jorge Letria: O meu primeiro Portugal e Portugal para miúdos; António Torrado: Salta para o saco; Mia Couto: O beijo da palavrinha) e percorrem-se os instrumentos pedagógicos utilizados na abertura para uma educação literária. Salientam-se as correntes da teoria da literatura utilizadas nestas apropriações didáticas da e para uma educação literária: desde a história literária, passando pela estilística e pelo close-reading, para mergulhar no estruturalismo e na semiótica com o manancial de instrumentalização da leitura literária, abrindo as janelas da estética da receção e das interrogações do papel do eu e das emoções na leitura.*

*Síntese sobre a importância atual de elementos intertextuais e iconográficos nos contextos profissionalizantes da educação literária e abertura para uma estética das emoções.*

**PALAVRAS-CHAVE:**

Educação literária, narrativa breve, plano nacional de leitura, seleção de livros na educação, estética das emoções

**ABSTRACT (1500 characters including spaces):**

Which pedagogical and didactic instruments of Literary Education should be rehearsed / used in Basic Education?

The aims are to present the results of the pedagogic and didactic applications of literary texts by students of the Masters in Teaching of elementary education, in ESECS, in the academic year of 2012-13, in the course of Literature Theory, reflecting upon the selections of texts and their relationship with the Portuguese

programs and recommendations of the National Reading Plan. It points to choice of brief narratives (*Miguel Sousa Tavares: O segredo do rio; José Saramago: A maior flor do mundo; Rómulo de Carvalho: As Origens de Portugal. História contada a uma criança; José Jorge Letria: O meu primeiro Portugal e Portugal para miúdos; António Torrado: Salta para o saco; Mia Couto: O beijo da palavrinha*) and also explores the mostly used pedagogical tools in the opening for a literary education. The most used literature theory currents in these didactic appropriations of and for a literary education are highlighted: from the literary history, crossing through stylistics and close-reading, to dive into structuralism and semiotics with the wealth of instrumentalization of literary reading, and opening the windows of aesthetics of reception and of questions of the role of the self and of emotions in reading.

Summary of the current importance of intertextual and iconographic elements in professional contexts of literary education and openness to an aesthetics of emotions.

#### KEYWORDS:

Literary education, brief narrative, national reading plan, selection of books in education, aesthetics of emotions

**Educação Literária? Uma estética das emoções?** (23.319 caracteres com espaços):

[...] This article does not focus upon the aesthetic function of emotion in a literary or artistic work; rather, it addresses its absence in the meta-language that we use to analyse and discuss such cultural phenomena. For although emotion has been valued as an essential component of knowledge in some epistemological contexts, the overwhelming dominance of the scientific paradigm in the English-speaking world today means that scholarly texts produced across the disciplinary spectrum are expected to espouse a kind of prose that is, apparently, objective, neutral and entirely rational. That is to say, emotion seems to have no place in modern English academic prose, even in the humanities. [...]

Karen Bennett 2012: 271

Quais os instrumentos pedagógicos e didáticos da teoria da literatura / educação literária a ensaiar / utilizar na Educação Básica? Como operacionalizar, nos dias que correm, uma educação literária? E será essa educação ainda uma prioridade? Ou a neutralidade, objetividade e racionalidade são a norma na formação dos estudantes de Educação Básica, futuros Educadores e Professores do 1.º e 2.º CEB, e as emoções da educação literária não têm lugar entre nós?

Tomo como quadro de referência as aplicações feitas pelos estudantes do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico, na ESECS, no ano letivo de 2012-13, na unidade curricular opcional de Teoria da Literatura, e reflito sobre as seleções de textos em relação com os programas oficiais da disciplina de

Português e as recomendações do Plano Nacional de Leitura [PNL]. Numa primeira observação, genérica, noto uma relação de simetria, quase espelho, com as recomendações programáticas e as sugestões do PNL, o que dá a inaugural auréola de objetividade e neutralidade face à subjetividade e às emoções dos estudantes. A educação literária dos futuros educadores e professores de 1.º e 2.º CEB abre, decididamente, no respeito pelos alicerces institucionais e pelas listas canónicas que o sistema educacional tem divulgado e implementado na apropriação pedagógica e didática nas escolas do nosso país e junto das famílias.

As preferências da escolha vão, quase exclusivamente, para narrativas breves (Miguel Sousa Tavares, 1996, com *O segredo do rio*; António Torrado, 1999, com *Salta para o saco*; José Saramago, 2001, com *A maior flor do mundo*; Mia Couto, 2008, com *O beijo da palavrinha*), ou mais complexas e extensas (Rómulo de Carvalho, 1999, com *As Origens de Portugal. História contada a uma criança*, em contrabalanço com a narrativa em prosa poética de síntese e a poesia de José Jorge Letria, 2008, *O meu primeiro Portugal* e 1997, *Portugal para miúdos*), embora a extensão esteja sobretudo em relação direta com o nível etário dos leitores a que se destinam, ficando as obras mais extensas para os alunos do 2.º ciclo, numa seleção naturalizada dos blocos para a infância e para a juventude.

Todos os mestrandos iniciam o percurso com informações oriundas da História da Literatura, com dados bio e bibliográficos e listas das obras publicadas pelo respetivo autor, numa clara manifestação da ligação ao universo literário em que o texto estudado evoluiu, numa consideração quase inócua de que a contextualização no sistema é a primeira vertente – inaugural e fundacional – da educação literária. A ligação maior aos autores canónicos, como José Saramago, António Torrado, José Jorge Letria (o único autor de que foram selecionadas duas obras), sobressai em relação aos recém-chegados ao sistema literário, e ainda com um menor número de estudos consistentes disponíveis na aplicação didática das suas parcas criações infanto-juvenis, como é o caso de Miguel Sousa Tavares e Rómulo de Carvalho. O alargamento do PNL a todas as literaturas de expressão em língua portuguesa permitiu que Mia Couto fosse um dos escolhidos, sendo evidente que as outras culturas e o diferente começam a ser uma das emoções visadas pela educação literária.

A educação literária continua, assim, a apontar para uma memória cronologicamente estabilizada – e que se acredita mais objetiva e cientificamente válida, porque distanciada dos reflexos judicativos – embora os percursos dos mais próximos e recentes cronologicamente comecem a ganhar presença, dentro do próprio sistema.

Quanto aos instrumentos pedagógicos mais utilizados na abertura para uma educação literária, as categorias da narrativa – sobretudo a questão do narrador, as personagens e sua caracterização física e psicológica, bem como as categorias

temporal e espacial - são das mais aplicadas. Algumas correntes da teoria da literatura salientam-se nestas apropriações didáticas da e para uma educação literária: iniciando sempre pela história literária, passando pela estilística e pelo *close-reading* - duma forma muito breve e quase unicamente demonstrativa - para mergulhar no estruturalismo e na semiótica com o manancial de instrumentalização da leitura literária (sobretudo as categorias da narrativa, com destaque para a personagem e as sequências textuais), e abrindo, com brevidade e sem demora, as janelas da estética da receção, psicanálise e sociologia aplicadas à análise literária em contexto educativo, com um aceno de pormenor delicado às interrogações do eu e das emoções e dificuldade em penetrar com as ambiguidades semânticas inerentes na educação literária nos 1.º e 2.º CEB.

### **Elementos paratextuais e intertextualidade**

No entanto, alguns elementos criteriosos, em princípio excluídos das propostas didáticas, ganham, neste quadro, uma importância de proeminência, o que me faz registar que o caminho da educação literária tem registado pequenas alterações nos últimos anos, que consistem em atribuir um peso cada vez maior aos elementos para-textuais, o que coincide com a complexidade crescente do fenómeno artístico coetâneo. Em destaque, encontram-se as componentes pictóricas do objeto livro, pois a ilustração ganhou um estatuto de imprescindibilidade tal que funciona como um dos elementos estéticos fundamentais, ao mesmo nível hierárquico do que a língua escrita.

Veja-se, por exemplo, as sínteses feitas pelo grupo de estudantes que estudou *A maior flor do mundo*, de José Saramago:

Na literatura infantil a união entre os planos visual e verbal tem vindo a aumentar progressivamente ao longo dos anos. Alguns autores, como Duborgel (1995), defendem que a linguagem plástica induz ao empobrecimento do texto porque restringe a imaginação. Contudo, existem ideias contrárias que defendem a utilização da ilustração em livros infantis, uma vez que promovem a formação visual das crianças de forma visual e lúdica proporcionando o auxílio na compreensão da história. [...] Assim, podemos considerar o ilustrador como um autor e um leitor privilegiado porque é através da sua interpretação que o texto chega aos destinatários.

O ilustrador João Caetano foi o responsável pelas imagens do livro *A Maior Flor do Mundo* (2001), de José Saramago e esta obra recebeu o Prémio Nacional de Ilustração no ano de dois mil e um.

No livro *A maior flor do mundo* a ilustração permite-nos perceber que existem dois níveis narrativos nos quais se

estrutura a ação e o seu cariz ficcional, originado pelas memórias ou imaginação do narrador, o qual através da ilustração verificamos que apresenta semelhanças físicas com José Saramago. [...] A ilustração do livro inicia-se com três quadros que vão aumentando sucessivamente de tamanho. O primeiro quadro, pequeno, só apresenta um conteúdo perceptível quando olhamos para os quadros seguintes porque existe nestes uma aproximação ritmada da imagem (de Saramago). Do segundo para o terceiro quadro ocorre a mudança da expressão fisionómica e da posição da mão de apoio o que pode induzir, os leitores, a perceberem uma expressão cansada, sendo no texto referida a falta de paciência. A seleção de cores valoriza os tons terra e azuis e sugere texturas e relevos através da técnica do recorte e da colagem de papéis com diferentes texturas, o que permite destacar as personagens do fundo e também induz à existência de volume e tridimensionalidade nos objetos e em seres complementares.

Nas ilustrações é possível verificar a articulação de uma dimensão próxima do real empírico com outra mais abstrata (por exemplo: a existência de uma fada). Toda a ilustração indicia leituras metafóricas e simbólicas que confluem em ideias transversais de liberdade, de dignidade e de humanismo. [...]

Assim, como uma consequência natural, a imersão na interpretação de cariz pictórico parece tornar-se uma abertura para os alunos, aliás como é visível nas reflexões sobre a ilustradora Danuta Wojciechowska e à obra *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto:

As ilustrações, que acompanham o texto escrito desta obra, ficaram sob a responsabilidade de Danuta Wojciechowska e possuem vários elementos suscetíveis de interpretação e com uma carga simbólica muito grande. Posto isto, a cor, as formas, a expressividade das personagens representadas, a comunicabilidade entre imagem e o leitor e a relação com o texto escrito, serão, seguidamente, objeto de interpretação e reflexão.

Um aspeto imediatamente evidente, à medida que se vai folheando o livro, consiste na escolha de cores feita pela ilustradora. As imagens representadas possuem como cores predominantes o azul e o castanho, em várias tonalidades. Presentes de forma equilibrada, esta paleta de cores representa, por um lado, as cores quentes características do território africano e, por outro a diversidade de tons da água, não fosse o mar uma das temáticas presentes na obra. [...] As manchas de cor apresentadas, preenchem espaços/traços paralelos e enxadrezados, que tanto ocupam alguns planos de fundo das imagens, como representam determinadas funções comunicativas. [...] Nesta história, todos os aspetos referidos e todas as ilustrações, no geral, são fundamentais para se compreender a história de uma forma mais aprofundada. Pode-se verificar que, página a página, existe uma relação direta entre texto escrito e ilustração. Esse aspeto é muito importante quando a leitura é feita por uma criança, pois esta, mais do que um adulto, retira muita informação da ilustração.

O mesmo se passa com as atividades que conduzem, motivando a leitura do texto literário, à expressão escrita dos próprios alunos, seja autobiográfica e explorando as possibilidades e diferenças idiossincráticas de cada sujeito de escrita (em relação a **1. O beijo da palavrinha**) ou abarcando as tecnologias informáticas de comunicação (**2. O segredo do rio**), indo até às recolhas de memórias coletivas, históricas e idiossincráticas (adivinhas, provérbios e expressões populares, cartas com revelações de experiências do sujeito, no caso de **3. A maior flor do mundo**) ou a casos insólitos e abertos à ficcionalidade pura ou, eventualmente, à teatralidade contida nas hipóteses de dramatização (no caso de **4. Salta para o saco**):

**1.** Considerando que a obra analisada se insere nas recomendações literárias do Plano Nacional de Leitura para o 4.º ano de escolaridade, a sequência de atividades que a seguir apresentamos está de acordo com essas mesmas recomendações.

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa e Expressão Plástica.

**1.ª atividade:** leitura da história pela professora, sem a apresentação da capa e ilustrações.

A professora irá ler a história *O beijo da palavrinha* para a turma, ocultando as suas ilustrações, informações sobre o autor e o ambiente em esta decorre (África), para que os alunos possam imaginá-la de uma forma pessoal, apenas com base nas informações do texto escrito.

**2.ª atividade:** ilustração da história pelos alunos.

Pretende-se que os alunos representem as personagens, espaço, entre outros aspetos da história, tal como os imaginaram (sem a influência das ilustrações originais).

**3.ª atividade:** breve interpretação oral da história pelos alunos, intercalada com a apresentação das ilustrações pela professora. Comparação entre as ilustrações e os desenhos dos alunos.

A professora irá aproveitar a ocasião para falar da importância das ilustrações numa obra literária.

**4.ª atividade:** elaboração de um texto de forma individual pelos alunos, com a sugestão de um outro final para a história ou continuação da história referindo o destino de Maria Poeirinha. Os alunos terão oportunidade para escolher uma opção entre as apresentadas.

**2.** A prancha poderá ser concebida em PowerPoint, correspondendo cada quadrado a um diapositivo, e apresentada com suporte informático. Para tal, levar os alunos a procurar na Internet imagens (Idosa, galo, aldeia....) para construir os vários cenários da ação. As imagens podem também ser desenhadas pelos alunos, com um programa informático de desenho.

Pode ser realizado um poster e cada grupo elabora uma parte.

**3.** Em turma, os alunos decidem como poderão responder ao desafio do narrador “quem sabe se um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lê, mas muito mais bonita?...” (p. 31). Tendo em conta as várias formas de

expressão (escrita, plástica, dramática), os alunos decidem outra forma de apresentar esta história.

A escrita criativa, de acordo com Santos & Santos (2009), procura recorrer à criatividade da produção linguística oral e escrita através da intenção comunicativa, na construção de frases, na seleção de sequências semânticas e na própria escolha das palavras. Margarida Santos citada por Santos & Santos (2009), considera a escrita criativa como uma possibilidade de aceder a um novo mundo, para além dos caminhos percorridos. Assim, as crianças podem e devem dar uso à sua imaginação e a despertar novas ideias.

O recurso a estratégias diversificadas, como indica Sim-Sim, Silva & Nunes (2008), como pistas visuais permitem captar a atenção das crianças. As mesmas autoras reforçam que as pequenas dramatizações e a conversa sobre as histórias ouvidas auxiliam as crianças a concentrarem-se, a recorrerem ao diálogo e à conversa para se expressarem.

Os alunos decidem uma forma de recontar esta história, podendo recorrer a diferentes técnicas e expressões. Caso assim o entendam, também podem convidar os pais e os restantes elementos da comunidade educativa para uma exposição sobre o trabalho realizado.

Leite & Fernandes (2003) salientam que a avaliação deve funcionar como processo de autorregulação para o aluno, apoiando-o em procedimentos e instrumentos diversificados que regulam o processo de ensino e aprendizagem e que possa dar conta do estado da situação dos alunos face a referentes e critérios definidos. Para tal, adotou-se a elaboração de grelhas de observação, o registo, o completamento de espaços, o diálogo, o desenho ou outras expressões que os alunos tenham selecionado.

**4.** [...] é proposto aos alunos que realizem uma dramatização da história. Mas, para isso, terão de adaptar a história aos dias de hoje, ou seja, substituir as problemáticas daquele tempo pelas de hoje, por exemplo em vez da guerra, hoje um dos maiores distanciamentos a que assistimos é a emigração, onde várias famílias são separadas pelos problemas económicos. Para além disso, os alunos deverão também substituir a linguagem utilizada, pois muitas das vezes a linguagem reportava-se à época em questão. Relativamente à dramatização: para a construção da mesma existiria uma multidisciplinaridade com áreas como Expressão Musical, Expressão Plástica e Expressão Dramática.

A intertextualidade é outra das grandes áreas a alcançar um enorme desenvolvimento, seja com a inter-relação semiótica ao cinema e a adaptações dramáticas e teatrais de vários tipos, seja com o conhecimento objetivo da história, da geografia, apoiando-se as atividades nas possibilidades técnicas abertas pelas redes virtuais de globalização, como os mapas do mundo e a projeção de viagens do passado | presente | futuro. Leia-se a proposta do grupo que escolheu **5.** *As Origens de Portugal:*

5. Leitura intertextual dos textos dos livros “As origens de Portugal”, “Portugal para miúdos” e “O meu primeiro Portugal”.

2.1. Os alunos pesquisam sobre os autores dos livros apresentados (breves notas biográficas e bibliográficas).

2.2. Solicita-se aos alunos que leiam os excertos dos livros (selecionados pelo professor) em que se refere Afonso Henriques e encontrem os pontos comuns e os diferentes, usando para esse efeito um diagrama de Venn. Esta tarefa é para ser desenvolvida a pares e culminará com a discussão em grande grupo e elaboração de uma proposta colaborativa de preenchimento do diagrama no quadro.

2.3. Os alunos assinalam os vocábulos desconhecidos e procuram os seus significados, recorrendo a dicionário ou enciclopédia.

2.4. Através dos textos, de pesquisa bibliográfica e na internet, os alunos elaboram uma breve biografia de D. Afonso Henriques.

2.5. Os alunos pesquisam na net informações sobre a conquista de Lisboa ou de outra localidade e imaginam uma recriação de um episódio desse acontecimento (jogo dramático e dramatização). Esta atividade será desenvolvida em grupos de 4/5 elementos e é fornecida uma ficha para organização/planificação das ideias.

Dramatização das situações imaginadas. Redação do texto dramático de acordo com as improvisações feitas, contendo algumas indicações cénicas, narrador, didascálias.

Partilha das dramatizações com a turma e eventual fusão de histórias (alargamento dos grupos).

Nova dramatização das histórias fundidas ou expandidas em grande grupo.

2.6. Os alunos declamam os poemas (conciliando com a dramatização anterior). Elaboração de um pequeno espetáculo com todos os episódios dos alunos, com a fusão ou sucessão dos jogos dramáticos.

Planificação dos cenários e dos outros elementos cénicos (vestuário, acessórios, luz e efeitos sonoros).

2.7. Elaboração de convites para a família (para assistirem ao jogo dramático).

### **As ambiguidades interpretativas e a estética das emoções**

No entanto, alguns textos – o caso de *As Origens de Portugal*, de Rómulo de Carvalho – prestam-se pouco à sua mobilização para o EB, pois a ambiguidades das suas interpretações pode criar desconforto nesta faixa de escolaridade, bem como a questão mais pragmática de adquirir o objeto livro. É neste ponto que a

educação literária retoma o diálogo nunca interrompido, percebendo que a *estética das emoções* ainda não é, neste momento, unanimemente aceite nos sistemas normalizadores e estabilizadores do ensino e da formação.

A educação literária tem uma perspectiva sobre este tipo de textos, onde se tenta demonstrar as dificuldades/impossibilidades de qualquer teoria que procure definir o sentido de modo unívoco, ou seja, onde se guardem informações diacrônicas, históricas e geográficas, com fechadura, e onde atualmente se procuram espaços físicos e concretos, sincrônicos.

Talvez se compreenda a importância fulcral das listas canônicas e canonizadas do PNL, já que as aberturas para novas dimensões, não sendo fechadas, são sempre regularizadas pelo professor-educador-responsável e as exceções podem ser alcançadas, com a delicadeza de cada situação circunstanciada. E ainda não se pensa construir o “manual das exceções”...

A abordagem interdisciplinar que se começa a constituir nos nossos dias – e refiro-me à importância atual de elementos intertextuais e iconográficos nos contextos profissionalizantes da educação literária – está diretamente relacionada com o estudo das emoções. E, seguindo Peter Goldie (2012), se é verdade que a nossa relação de leitores educados com as narrativas literárias (e nem estou a falar da poesia...), pode ajudar a desenvolver e redefinir o pensamento narrativo sobre as nossas próprias vidas, a subjetividade de todo o processo, na maior parte emocional e individual, transforma-o num ponto misterioso – tocado, mas por explorar. Como ele, também eu concluí, a partir deste quadro de propostas de futuras educadoras e professoras, como a literatura está tão próxima da vida que a educação literária enfrentará as dificuldades do ponto negro que ainda são as emoções – e assim escreveremos emotivamente a nossa vida, com a paixão de leitura que a escola tem receio de assumir como um desvio à objetividade e à racionalidade veneradas:

[...] to a position [...] that exaggerates the role of narrative as being somehow definitive of our lives and that draws too close an analogy of narrative thinking about non-actual events in our lives can indeed draw from literature, not only from fiction, but also from biography and autobiography. For literature, like life, is peopled with characters who remember their past, who make and remember their mistakes, who plan, who resolve in all kinds of ways to change, and so on. And in these respects they are, to say the least, recognizably like us. (Goldie 2012: 30)

Se a literatura pode ser vista como espelho da vida e a vida como espelho da literatura, então a educação literária deverá envolver-se no estudo estético da emoção que, pelo menos neste *hic et nunc* em que habitamos, é visto como um campo fronteiriço e intrincado em vários percursos humanos e científicos, mas ainda pouco acarinhado numa aplicação à pedagogia e didática canônicas e institucionais. É provável que um dos caminhos a prosseguir pelas instituições de

formação de formadores do ensino básico, em especial as direcionadas para a educação literária, seja o peregrinar sem preconceitos e arrojado da paixão pela *estética das emoções* e por uma emoção esteticamente assumida. Decididamente, esta é uma peregrinação pela interdisciplinaridade e o relacionamento das várias artes e redes culturais, que todo o texto literário - em especial os concebidos para a infância e juventude - implícita ou explicitamente convocam na sua produção. Nos tempos atuais isso passa, como se viu nos textos e nas propostas e aplicações pedagógicas dos estudantes-futuros educadores, por uma imersão nas artes e na utilização instrumentalizada das hipóteses colocadas ao dispor da educação pelas tecnologias da informação.

A Educação Literária pretende que a leitura da arte literária torne os educandos recetores (e eventuais futuros criadores / produtores) da amálgama de sentidos que, em última análise, constitui a cultura que nos identifica e modela como uma nação, um povo, um grupo, um ser em mutação. Talvez um dia a educação literária seja apenas uma das componentes de uma estética das emoções. Onde há ser humano, há emoção - logo a arte é o núcleo distintivo da humanidade.

#### **Referências bibliográficas:**

- Bennett, K. (2012). *Emotion in scholarly discourse: denial, deconstruction, reinstatement* in Costa, F. Gil & Furão, Igor (org) *Estética das emoções*, Lisboa: Húmus ed, (pp. 271-282).
- Goldie, P. (2012). *Narrative thinking, emotion, and planning* in Costa, F. Gil & Furão, Igor (org) *Estética das emoções*, Lisboa: Húmus ed. ( pp. 15-31).

#### **Bibliografia ativa:**

- Carvalho, Rómulo de. (1999). *As origens de Portugal. História contada a uma criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Couto, Mia. (2008). *O beijo da palavrinha*. Ilustração: Danuta Wojciechowska. Lisboa: Caminho ed.
- Letria, José Jorge. (2008). *O meu primeiro Portugal*. Ilustração: Henrique Cayatte. Lisboa: Dom Quixote ed.
- Letria, José Jorge. (1997). *Portugal para miúdos*. Ilustração: José Miguel Ribeiro. Porto: Âmbar ed.
- Tavares, Miguel Sousa. (1996). *O segredo do rio*. Ilustração: Fernanda Fragateiro, Lisboa: Relógio d'Água.
- Saramago, José. (2001). *A maior flor do mundo*. Ilustração: João Caetano. Lisboa: Caminho ed.
- Torrado, António. (2006). *Salta para o saco*. Ilustração: Cristina Malaquias. Lisboa: Livraria Civilização ed.